

As Implicações Sociointerativas de uma Entrevista Informal

Francisco Ednardo Barroso Duarte¹

Karina Figueiredo Gaya²

RESUMO: Este trabalho tenta analisar uma interação face a face a partir do enquadre entrevista informal onde observamos as particularidades de uma conversação entre três participantes. A interação segue registrada em áudio e vídeo e posteriormente transcrita nos moldes da análise da interação verbal, a fim de se identificar o funcionamento deste tipo de evento comunicativo através das teorias discursivas advindas da análise da conversação e das outras ciências que se relacionam com esta linha de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: interação verbal, conversação face a face, discurso, footing, esquemas e enquadres.

Introdução

O presente artigo trata das diferentes perspectivas de análise das interações entre os sujeitos no contexto comunicacional, levando em conta as diversas pesquisas de autores que se dedicam às questões científicas que norteiam os estudos da conversação face a face. Os autores que usaremos como base para este trabalho se desdobram entre questões linguísticas, filosóficas, sociológicas e psicológicas dos atos interativos. Desta forma, usaremos os trabalhos desenvolvidos pelo sociointeracionista americano John Gumperz, que trata da interação a partir dos fenômenos sociolinguísticos; os estudos sobre o interacionismo social do francês Jean-Paul Bronckart; os estudos interdisciplinares da análise das interações do também francês Robert Vion; a teoria dos enquadres tratados por Erving Goffman e a contribuição da relação entre a linguística e a psicologia proposta nos estudos de Deborah Tannen e Cynthia Wallat com suas noções mais detalhadas sobre as teorias de enquadres e esquemas. Luiz Antônio Marcuschi também é outro estudioso, não menos importante, que escolhemos como *scaffolding* para a nossa análise prática da interação em foco neste trabalho.

¹ Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança . Mestre em Linguística. ednardo22@yahoo.com.br

² Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança. Mestre em Linguística. karinagaya@ufpa.br

A partir da utilização destes diversos postulados científicos sobre a interação, analisaremos uma conversação proposta a partir de uma entrevista com três interactantes num determinado contexto comunicativo, a fim de explorar as diversas características deste evento interacional bem como ele se realiza e se concretiza numa certa atividade linguística.

O Pressuposto Teórico

De acordo com Vion (1992), a interação pode ser definida como toda ação conjunta e cooperativa entre dois ou mais agentes sociais, ou seja, toda ação praticada pelo indivíduo, desde que reduzida num contexto social, é considerada uma prática interativa. Assim, toda troca humana de qualquer natureza é precedida da interação.

A todo o momento estamos estabelecendo relações interativas diversas, cujo contexto irá definir seus formatos e intenções que variam de acordo com o contato definido e negociado pelos participantes de uma interação comunicativa. Pode-se dizer que é impossível não comunicar, pois tudo comunica, envia mensagens e estabelece sentidos mesmo quando não há relações verbais entre os sujeitos e o mundo.

No entanto, a interação verbal é a via mais precisa de comunicação, e há quem tente estabelecer uma diferença entre comunicação intencional e não intencional sendo assim uma atividade difícil uma vez que há uma distância entre o que se pensa comunicar e o que se comunica realmente. Mesmo quando não há troca verbal na comunicação entre os indivíduos há, como já dizia Bakhtin, a presença de um discurso interior (que alguns chamam de consciência), pautado no indivíduo socializado e não mais a partir do sujeito psicológico individual. Há, todavia, modelos sociais de interação mais ou menos prontos que são marcados por um histórico conversacional e interativo.

Assim, podemos dizer para se analisar uma interação, não basta lançar um olhar meramente linguístico sobre os enunciados que são trocados entre os interactantes; é preciso, no entanto, compreender a utilização dos recursos semânticos e semióticos bem como os recursos extralinguísticos de todo o evento comunicativo.

Numa conversação, tudo precisa ser observado, inclusive as evidências de natureza sociolinguística, que pode nos dar uma melhor definição do caráter interacionista das atividades comunicativas.

Gumperz (1998), ressalta a importância de se analisar um discurso a partir das *convenções de contextualização*, ou seja, as pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para

sinalizar as nossas intenções comunicativas ou para inferir as intenções conversacionais do interlocutor (p. 98).

Partindo deste princípio, ele discute conceitos de pistas linguísticas (alternância de código, de dialeto ou de estilo), pistas paralinguísticas (o valor das pausas, o tempo da fala, as hesitações) e/ou pistas prosódicas (a entoação, o acento, o tom) assim como as pistas não vocais (o olhar, a postura e participações dos interlocutores, os gestos, etc.).

Um outro importante ponto de análise da interação face a face é proposto por Goffman quando trata do conceito de enquadre, melhor entendido no trecho abaixo

O enquadre situa a metagem contida em todo enunciado, indicando como sinalizamos o que dizemos ou fazemos ou sobre como interpretamos o que é dito e feito. Em outras palavras, o enquadre formula a metagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem (...) ...em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente introduzindo e mantendo enquadres que organizam o discurso e os orientam com relação à situação interacional. Indagam sempre ‘onde se situa esta interação?’ (Goffman, 1998. p.70)

É igualmente importante na conceituação goffmaniana, a noção de *footing* introduzido por ele em 1979. O *footing* é conceituado como um desdobramento do “enquadre”, ele representa o alinhamento, a postura, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo mesmo e com o próprio discurso que está sendo construído. Os *footings* são identificados a partir da maneira como os participantes gerenciam a produção e a recepção dos enunciados. Eles são negociados, ratificados (ou não), apresentados, modificados etc., durante a interação.

Goffman propõe em suas pesquisas, uma discussão sociológica acerca do desempenho das identidades sociais e linguísticas dos participantes engajados em uma situação de interação face a face, ou seja, como essas identidades emergem, como se constituem no discurso e como afetam de forma sutil, porém definitiva, a interação em curso (*idem*, p. 70 – 71).

Podemos dizer que Goffman dedica parte de seu estudo à interação face a face, sobretudo às atividades orais, o que é dito e ouvido, assim como a tudo o que lhes é pertinente.

A análise tradicional do dizer e do que é dito é pontuada nos tratados autor e que segundo ele envolve o seguinte paradigma: dois indivíduos fazem parte da atividade onde intercalam papéis entre si, expondo seus pensamentos. Neste caso, apenas esses dois participantes sabem o que está sendo dito e ouvido, tornando para os outros, inacessível a

compreensão das idéias expostas. Esse tipo de interação é comum, pois se pode obter imagens subjacentes em relação a interação face a face. Há, no entanto, uma série de implicações que devem ser consideradas quando nos referimos a uma análise de uma interação; não se excluem valores sociais, alternância de código (dialetos, por exemplo) negociações de sentidos, traços suprasegmentais, o tom, a entoação e a capacidade de entendimento dos envolvidos ao se iniciar e se encerrar uma conversa. A alteração nas pistas do canal de comunicação também deve ser ressaltada, ou seja, a velocidade da enunciação das frases, ritmo, maior número de pausas de hesitação.

A preocupação com as particularidades da interação também é encontrada nos estudos da linguista Deborah Tannen e da psicóloga Cynthia Walleet (1998) que se dedicam às noções de *enquadre* e *esquema*. Entende-se por enquadres e esquemas, dois tipos de estruturas de expectativas distintos. Os enquadres fazem referência à noção antropológica/sociológica de enquadres interativos de interpretação, enquanto esquemas com referência a noção de esquemas de conhecimento sob ângulo da psicologia e da inteligência artificial.

O conceito de enquadre traz à tona questões como as mudanças de registros linguisticamente identificáveis numa atividade linguística interativa, ou seja, nos dizeres de Ferguson (1985 *apud* Tannen & Walleet, 1998. p.127), a variação condicionada pelo uso entendida como convenções para escolhas lexicais, sintáticas e prosódicas consideradas apropriadas para o cenário e para a audiência.

São as mudanças de enquadres que fomentam a pesquisa dessas autoras, que têm o interesse de investigar a negociação, elaboração e síntese das informações na estrutura de participação dos falantes e ouvintes. A análise do contexto passa a ser então uma estratégia importante para a compreensão dessas interações. Para Kendon (1979, *apud* Tannen & Walleet, 1998), a análise de contexto serve basicamente para podermos entender que os participantes não são emissores e receptores de mensagens isoladas. Quando as pessoas estão na presença uma das outras, todos os seus comportamentos verbais e não verbais são fontes potenciais de comunicação de suas ações e intenções de significado podem ser entendidas somente com relação ao contexto social imediato, incluindo o que antecede e o que pode sucedê-lo. Logo a interação só pode ser entendida em contexto: em contexto específico (Tannen & Walleet, 1998. p.122).

Os enquadres, tomados como atividades de fala, podem se encaixar em duas categorias: enquadres de interpretação (de natureza interacional) e estruturas de conhecimento (esquema).

Os enquadres interativos também são importantes nesta pesquisa, e se referem à definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (movimento ou gesto) poderia ser interpretado. Para compreender qualquer elocução, um ouvinte (e um falante) deve saber dentro de qual enquadre ela foi composta, para assim, dar sentido aos eventos (*idem*, p.123).

Os esquemas de conhecimento estão, por sua vez, relacionados às expectativas dos participantes acerca das pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, bem como o conhecimento prévio e familiarização com o assunto em discussão (*idem*, p.124).

No entanto, a mudança de enquadre (enquadres simultâneos) pode estar relacionada com os enquadres interativos e os esquemas de conhecimento em que os participantes da interação identificam esses enquadres (ou as mudanças de registros) a partir da associação de pistas linguísticas e paralinguísticas, ou seja, a maneira como as palavras são ditas e não exatamente os sentidos literais que elas expressam.

A pesquisa de Tannen & Wallerstein mostra qual é a relação entre os participantes da interação e a necessidade de manutenção e entendimento dos múltiplos enquadres, que muitas vezes dependem não só da experiência dos atores deste processo, mas também da sensibilidade destes para uma mudança de enquadre sempre que preciso, sem que isto gere enquadres conflitantes.

A maneira de expressar e estabelecer o *footing*, ou seja, as maneiras de falar em qualquer ponto de interação refletem a operação de múltiplos enquadres, de forma semelhante, o que os indivíduos escolhem para dizer em uma interação também brota dos esquemas de conhecimento relativos às questões em discussão, aos participantes, ao cenário, etc. (*idem*, p. 136).

A maneira como as pessoas se comportam em diferentes enquadres interativos podem resultar na mudança de enquadres, bem como o surgimento de diferentes esquemas dos participantes (interrupções) poderá também gerar confusões, mal-entendidos, conversas cruzadas.

No entanto, é a partir desta perspectiva de análise das interações verbais que procuramos analisar uma conversação enquadrada por uma entrevista informal a fim de

identificar os pontos científicos mais importantes da nossa base de estudo, ou seja, fazer o reconhecimento da nossa teoria em nossa prática de análise.

A Metodologia

Com o intuito de analisar um *corpus* específico de um contexto de interação, trabalharemos neste estudo com as teorias da Análise da Conversação, Análise da Interação Verbal e da Sociolinguística Interacional.

Para desenvolver esta análise escolhemos o enquadre entrevista composta por três interactantes: o entrevistador, o entrevistado e o registrador desta interação.

Além do arcabouço teórico outrora citado, tomamos como suporte básico os detalhes de uma análise de conversação proposta por Antônio Marcuschi (2006), que nos orienta como devemos organizar o passo a passo de uma análise a partir da perspectiva escolhida (transcrição de conversações, características estruturais de uma conversa, organização de turnos e sequências e marcadores conversacionais).

O corpus

A fim de aplicarmos uma perspectiva mais didática nesta pesquisa, um lugar onde pudéssemos confrontar a nossa teoria com a nossa prática, escolhemos o gênero entrevista para servir de “substância” para o nosso estudo, uma vez que uma entrevista pode representar um eficiente objeto de análise ao passo que os participantes se articulam numa impressionante dinâmica marcada pela relação perguntas e respostas.

Uma entrevista é, sobretudo, uma técnica de interação social. Todos nós, independente de nossas atividades, vivemos situações em que ora somos entrevistadores, ora entrevistados.

Para Motta-Roth (2006), o gênero entrevista carrega particularidades que podem ser ressaltadas nos atos de fala e que servem de indicadores socioculturais marcados na linguagem, no conteúdo respondido e no alinhamento da pessoa que está sendo entrevistada seja de que ordem for esta entrevista.

Segundo ela “através do gênero entrevista é possível que meu interlocutor acione significados sociais histórica e socialmente compartilhados relativos aos temas que

recorrentemente se tratam em uma entrevista (fatos da vida ou ideias e opiniões do entrevistado sobre determinados temas ou eventos), a um motivo para se fazer uma entrevista (a curiosidade da sociedade sobre a pessoa pública entrevistada), a um objetivo (levantar informações acerca dessa pessoa), os papéis e relações sociais dos envolvidos (ao entrevistador cabe elaborar questões e, ao entrevistado, respondê-las dentro de regras de polidez aceitas na comunidade a que pertencem ou ao menos demonstrar disposição em observá-las)”.

Em linhas gerais, uma entrevista nada mais é do que uma das diversas tentativas de inter-relacionamento humano, uma vez que exige uma participação conjunta e concessiva dos sujeitos que atuam numa interação, seja ela face a face ou não. Assim, uma entrevista é uma das diversas atividades de linguagem, representada por uma inter-relação entre os sujeitos envolvidos em que ambos negociam as informações e os sentidos do que está sendo dito e ouvido.

Quando você pergunta a um amigo “como vai” ou “quais são as novidades”, você está fazendo inconscientemente uma entrevista, levado pela curiosidade de saber o que ele está pensando. Quando o médico faz o exame diagnóstico, o policial interroga e o garçom pergunta qual o prato que deseja, eles também estão entrevistando.

Entrevista significa em linguagem jornalística um encontro com alguma pessoa com a finalidade de interrogá-la sobre seus atos e ideias, e o conjunto das declarações com autorização implícita ou formal para publicá-las. O entrevistado é quase sempre pessoa de destaque, permanente ou circunstancial, e as perguntas não são todas respondidas com boa vontade e disposição, mas conseguidas com astúcia e tato por parte do entrevistador.

Nesse sentido, entrevistar não é somente fazer uma pergunta, e esperar uma resposta e juntar a resposta à outra pergunta. É um exercício profissional trabalhoso e ingrato, dizem os jornalistas.

No entanto, a escolha do gênero entrevista como *corpus* desta pesquisa foi uma tentativa de organizar uma análise interacional sob o olhar dos autores que compõem nossa base teórica.

Optamos pelo termo “entrevista informal” justamente por se tratar de uma conversa não pré-estabelecida em que os participantes tratam o jogo de perguntas e respostas sem um roteiro determinado e/ou delimitado, implicando na tentativa de tornar a interação entre os interactantes o menos formal possível para o melhor desenvolvimento do trabalho.

Em nossa entrevista, nem mesmo os tópicos foram previamente selecionados, surgindo assim, todos ao longo da interação para que a nossa informante não se sentisse coagida ou intimidada pelas possíveis perguntas e pelo caráter formal geralmente assumido por esse enquadre; nossa primordial intenção era fazer uso de um *corpus* o mais autêntico possível. Porém, isto nem sempre é possível, pois geralmente temos, por mais vaga que seja, a noção do que podemos perguntar ou não a alguém em determinados contextos de interação. Isto nos remete a Marcuschi (2006) quando cita Coulthard (1977, p.75) ao dizer que a primeira questão a ser decidida numa conversação é que tipo de coisas pode servir como tópicos, além de ressaltar que há coisas “conversáveis” e outras não. Entre as coisas conversáveis, algumas devem ser ditas a qualquer um e outras a poucos, algumas devem ser ditas logo e outras podem ser adiadas, e assim por diante (Marcuschi, 2006:77).

Ainda em relação ao contexto de interação, Kerbrat-Orecchioni (2006, p.33) diz que este pode ser considerado tanto quanto a produção quanto a interpretação. No que diz respeito à produção, o contexto determina o conjunto de escolhas discursivas que o falante deve efetuar: seleção dos temas e das formas de tratamento, nível de língua, atos de fala etc.

Já no que diz respeito à interpretação dos enunciados pelo receptor, o contexto desempenha igualmente, um papel decisivo, em particular, para a identificação da significação implícita do discurso dirigido.

É, portanto, indispensável que o analista tenha acesso aos dados contextuais: para poder descrever adequadamente o que se passa na interação, teoricamente ele deve ter acesso à totalidade dos saberes de que os participantes dispõem (Kerbrat-Orecchioni, 2006: 35). Todos esses pontos podem ser percebidos na análise logo abaixo que tenta demonstrar na prática a influência do nosso material teórico.

O Locus

Sala de aula no prédio da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA. A entrevista foi realizada na sala 02 que é a menor sala do corredor da FALEM às 15h28min, na segunda feira dia 19 de maio de 2008, para justificar alguns gestos durante a gravação é importante dizer que no momento da gravação a sala estava com o aparelho de ar condicionado quebrado e também se ouvia outro professor ministrando aula na sala ao lado.

A Análise do Corpus

A entrevista que compõem o *corpus* de nossa análise foi realizada na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA no dia 19 de maio de 2008 às 15h e 28 mim, na sala 02, com a servente I2, que é funcionária desta instituição há 20 anos. Esta entrevista tinha como objetivo a execução do trabalho requisitado pela Professora Dra. Fátima Pessoa à disciplina *Análise da Interação Verbal* do curso de Mestrado em letras para a turma do ano de 2008.

A entrevista foi feita na sala 02, como dito anteriormente, onde a entrevistadora **I1**³ está sentada de frente a entrevistada **I2** que está de lado, ambos posicionados em frente ao documentador **I3**.

É relevante mencionar que no momento da gravação a sala estava com o aparelho de ar condicionado quebrado e também se ouvia outro professor ministrando aula na sala ao lado.

No primeiro momento da entrevista **I1** inicia a interação perguntando a **I3** se está tudo certo para dar início a entrevista com relação ao equipamento. Em seguida **I1** saúda **I2**, faz uma pergunta trivial e estabelece o objetivo definido em relação ao tópico que irá tratar que neste caso é a questão de **I2** saber ou não estórias sobre a Universidade.

A entrevistada quando convidada a participar do estudo em questão assume um *footing* mais formal para este enquadre, muito embora tenhamos tentado ressaltar o caráter informal do tipo de intenção. Para Dona Maria, o fato de estar sendo filmada a coloca numa situação mais séria talvez por se tratar de um trabalho acadêmico e/ou por tentar manter-se comprometida com sua posição social, no caso sua profissão.

Para Goffman (1981 apud Tannen & Wallat p. 121), esta assunção de determinado *footing* representa “uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes”.

Apesar de Marcuschi (2006) afirmar que geralmente há violação na regra A-B-A-B, com relação a troca de turnos, neste trecho inicial da interação pode-se dizer que fala cada um por vez. Veja no recorte 1 a seguir:

- | | |
|-----|--------------------------------------|
| (a) | I1: Já ((acena com a cabeça)) |
| (b) | I3: Já |
| (c) | I1: oi Tia |

³ **I1**; Interactante 1 - entrevistadora; **I2**: Interactante 2 - entrevistada; **I3**: Interactante 3 - documentador

- (d) I2: oi ((olhando para o chão))
 (e) I1: eh (+) a quanto tempo a senhora trabalha aqui na UFPA” ((gesticulando com as mãos))
 (f) I2: há 20 anos ((ainda olhando para o chão))
 (g) I1: e a senhora tem alguma estória assim (+) espetacular (+) ou então de fantasma que a senhora possa contar pra mim” ...

Recorte 1

Ainda neste primeiro recorte escolhido, nota-se que no enquadre entrevista, documentada com o objetivo de cumprir uma tarefa acadêmica, **I2** não se sente à vontade para falar e desvia o olhar para os lados e/ou para baixo e fala em voz baixa.

- ...
 (a) (++)
 (b) I1: /.../ alguma outra estória com gente viva mesmo (+) que a senhora possa contar (+) que seja engraçada”
 (c) I2: tem (+) estória de gente viva que eu sei de COR’ que o pessoal faz muito sExo no banheiro ((mantém o olhar fixo para o chão))
 (d) I3: MENTI:RA:”
 ...

Recorte 2

Segundo Marcuschi (2006 p.61) as unidades na conversação, devem obedecer a princípios comunicativos para a sua demarcação e não princípios meramente sintáticos. Existem relações estruturais e linguísticas entre a organização da conversação em termos (marcados pela troca de falantes); os marcadores do texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas.

Os marcadores conversacionais podem ser subdivididos em: verbais, não verbais e suprasegmentais, e servem para ligar as unidades comunicativas além de orientar os falantes. Eles podem aparecer em várias posições: na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares. Fundamentalmente, eles podem operar como *iniciadores* (de turnos ou unidades comunicativas) ou *finalizadores* Marcuschi (idem).

Nesta pesquisa, muito recorrente é a presença do uso de recursos suprasegmentais.

Em (a) **I2** mantém uma longa pausa, indicando que o tópico já tinha cessado para ela. Para Marcuschi (2006 p. 63) as pausas são recursos suprasegmentais que de natureza

linguística, mas não de caráter verbal, frequentes em final de unidades comunicativas e que geralmente coocorrem com outros marcadores. Em conversações informais as pausas propiciam as mudanças de turnos.

Em (c) se observa que neste tipo de enquadre o tópico sobre o sexo no banheiro da instituição causa aparente constrangimento na entrevistada, percebido no *footing* assumido por esta quando a entrevistadora instiga **I2** sobre o assunto. O olhar cabisbaixo, bem como a diminuição do volume da voz, nos leva a crer que ela não se sente muito a vontade para falar sobre este tópico, demonstrando reserva e vergonha.

...

(a) **I2**: só pega as camisinhas tudinho lá no banheiro' e eles trancados (+) e eles trancam a porta do banheiro esperam a gente sair pra pudermos sair

(b) **I3**: mas são homens e mulheres ou homem com homem como eh"

(c) **I2**: homem com homem

(d) **I3**: aqui no letreiro"

(e) **I2**: lá no lado de comunicação' então se dá 6 horas e não fecha quando é 8 horas que a gente vai lá tá só o desastre

(f) **I3**: eles se trancam dentro do banheiro"

(g) **I2**: eles se trancam dentro do quadro banheiro

(h) **I3**: ah tá (+) não é (+) eles não trancam o banheiro todo"

(i) **I2**: não eles trancam dentro do QUADRO próprio do banheiro

(j) **I3**: aí vocês ficam só ouvindo os barulhos"

(k) **I3**: sabem porque (+)

(l) **I2**: eh

(m) **I3**: sabe que tem gente lá porque ouvem os barulhos"

(n) **I2**: e mesmo quando a gente entra lá pras 8 horas 8 e meia tá sufocando de fedor

(o) **I3**: nossa senhora

(p) **I2**: e a outra menina a Ticyane' ela foi parar lá pela reitoria nessa arrumação porque' disque que ela viu os caras aí ela e foi pra lá' o cara levou lá pra reitoria foi um bafafá tremendo

(q) **I3**: o cara foi pra reitoria" (+) foi chamado"

I2: foi

...

Recorte 3

No recorte 3 notamos um imediato envolvimento entre os participantes **I2** e **I3**, com relação ao tópico **T2**⁴, uma vez que os interactantes se reconhecem dentro deste tópico, praticamente excluindo o participante **I1**, que não conhecia o assunto que estava sendo tratado, ou seja, **I1** não tinha um conhecimento prévio que pudesse inseri-lo neste momento da interação. De acordo com Tannen & Wallat

⁴ **T2**: Tópico 2 : banheiro; **T1**: Tópico 1: Visagem; **T3**: Tópico 3: Jovem presa na instituição

esquemas de conhecimentos referem-se às expectativas dos participantes acerca das pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, fazendo distinção, portanto, entre o sentido deste termo e os alinhamentos que são negociados em uma interação específica, conseqüentemente, o significado literal de uma elocução só pode ser entendido em relação a um modelo de conhecimento anterior.

...
 (a)I3: mas assim' vocês já identificaram se eram alunos cês sabem se era alunos (+) se era gente de fora que vinha"
 (b)I2: aluno
 (c)I3: aluno mesmo né (+) eh
 (d)I2: aluno mesmo (+) Isso aí ninguém discute
 [[
 (e)I3: eh (+) É no banheiro masculino inclusive
 (f)I2: a gente já sabe a cara deles de cor
 (g)I3: no banheiro masculino inclusive (+) Inclusive a Karina não sabe por que ela não entra no banheiro masculino (+) acredito que não
 (h)I2: mhm (+) isso
 ...

Recorte 4

Neste extrato de fala, mostrado no recorte 4, é perceptível em (f) a interrupção de I2 na fala de I3, que tenta dar continuidade a sua fala (d), ocasionando a quebra do tópico numa tomada abrupta de turno. Segundo Stech (1982 p. 20 apud Marcuschi 2006 p. 81) a quebra de tópico ocorre quando o tópico foi interrompido, podendo retomá-lo.

No exerto abaixo, percebemos uma mudança do enquadre entrevista para o enquadre narração, uma vez que Dona Maria, a entrevistada, começa a contar uma estória sobre o T3.

...
 (a) I2: E lá na odontologia também os funcionários falavam que eles viam um médico (+) e teve uma servente da nossa turma que um dia ela chegou ela achou que poderia ser essa pessoa que ela foi levar (+) é lá em cima (+) ela foi levar papel lá em cima aí ela viu aquele médico de costa pra ela aí ela disse bom dia aí a pessoa disse bom dia mas num se virou aí ela entrou no banheiro quando ela voltou a pessoa não tava mais (incompreensível) aí ela procurou por lá tudinho e as meninas lá em baixo num viram niguem entra (+) outra vez a filha da minha colega subiu (+) final de semana (+) subiu foi lá em cima pegar água lá do bebedouro aí ela pegou aí ela viu uma mulher e a mulher disse assim pra ela' ei menina o que que tu ta fazendo aqui' pode descer' aí quando ela chegou lá embaixo ela disse' ah mãe eu não trouxe a água por que a mulher disse que era pra mim descer' aí' mas que mulher que até a porta da frente tava fechada
 ...

Recorte 5

Considerações Finais

A pesquisa deste trabalho foi realizada a partir de moldes exclusivamente sócio-interacionistas, amparados pelos estudos da Análise da Conversação junto com as ciências que com ela se relacionam, pois procurou analisar a linguagem considerando, o falante, o ouvinte, as trocas conversacionais, o intercambio de informações e a relevância do auditório e do contexto social onde a interação é produzida. Nosso percurso representou uma tentativa de esmiuçar, embora parcialmente, uma interação verbal face a face, que se mostra evidada de marcadores conversacionais, pistas de contextualizações, enquadres e esquemas de conhecimento – teorias muito pertinentes para um entendimento mais acurado dos mecanismos de interação humana, bem como suas implicações e desdobramentos.

Símbolos Utilizados

Fala simultânea - [[

- Pausa - (+)
- Pausa longa - (++)
- Sobreposições de vozes - [
- Sobreposições localizadas - []
- Dúvidas e suposições - () ou (incompreensível)
- Truncamentos bruscos - /
- Aumento na velocidade da fala ((rápido))
- Ênfase ou acento forte na fala - MAIÚSCULAS
- Alongamento da vogal - ::
- Comentário do analista - (())
- Interrogação - ”
- Vírgula / Pausas - ’
- Reduplicação das partes repetidas
- Marcadores - *eb, abã, ab, ib::, mbm*
- Para apenas trechos - ... ou .../...
- Corte na produção de alguém - /.../

REFERÊNCIAS

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Org. MACHADO *et al.* Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

GUMPERZ, J. J., *Sociolinguística Interacional – Convenções de Contextualização*. Porto Alegre: Age, 1998.

- GOFFMAN, E., *Sociolinguística Interacional – Footing*. Porto Alegre: Age, 1998.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação – princípios e métodos*. Parábola, São Paulo. 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. Ática, São Paulo. 2006.
- MOTTA-ROTH, Désirée. *O Ensino de Produção Textual com base em atividades sociais e gêneros textuais*. Revista linguagem em (dis)curso, volume 6, número 3, set/dez 2003.
- SEGUNDO, Paulo Roberto Gonçalves. *A progressão tópica em entrevistas de televisão*. Linha D'água. Ensino de Língua e Literatura em Debate. Número 16, setembro de 2003. USP, São Paulo.
- TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. *Enquadres interativos e esquemas de um conhecimento em interação: exemplos de um exame/ consulta médica*. Editora Age Ltda. Porto Alegre, RS, 1998.
- VION, Robert. *La communication verbale: Analyse des Interactions*. Hachette, Supérieur, 1992.

ABSTRACT: This work attempts in analyzing a face to face interaction through an informal interview in which some particularities of a conversation were observed between three participants. Firstly the interaction was registered on audio and video and secondly it was transcribed according to the interaction analysis' frame in order to identify the functions of this kind of communicative event through discourse theories come from conversation analysis and other related sciences.

KEYWORDS: verbal interaction, face to face conversation, discourse, footing, schemata and framing.